Forum da Cultura em Juiz de Fora

por

Maristela da Silveira Valverde

(Aluna do Curso de Comunicação Social)

Monografia apresentada à Banca Examinadora de Projetos Experimentais. Orientador Acadêmico: Prof. Dr. José Luiz Ribeiro.

VALVERDE, Maristela da Silveira. *Forum da Cultura em Juiz de Fora.* Juiz de Fora: UFJF; FACOM, 2. sem. 2002, 94 fl. Projeto Experimental do Curso de Comunicação Social.

Banca Examinadora:

_____
Profa. Ms. Márcia Cristina Falabella – Relatora

_____
Profa. Dra. Marise Pimentel Mendes – Convidada

_____
Prof. Dr. José Luiz Ribeiro - Orientador

Projeto Examinado:

Em:

Conceito:

A Deus pela força nas horas difíceis.

À minha mãe, irmãs e amigos, pelo apoio em todos os momentos.

À Tereza, Luiz Carlos e Rafaela, pelo amor com que me acolheram e me incentivaram.

Ao meu namorado, Rafael, que com seu amor e dedicação, trouxe-me persistência e alegria em cada fase do trabalho.

Ao professor José Luiz Ribeiro, pela paciência com que me orientou e suportou minhas variações de humor.

S I N O P S E

Estudo das propriedades físicas e simbólicas do Forum da Cultura enquanto centro cultural e elo entre a UFJF e a comunidade.

S U M Á R I O

1. INTRODUÇÃO

2. A EPIFANIA DO FORUM

2.1. *A genealogia da cultura*

2.2. *Cultura e sociedade*

2.3. *Um centro cultural*

3. LUCROS E POSSIBILIDADES

3.1. *Arquitetura, espaço e memória*

3.2. *O Forum e a comunidade*

3.3. *Novos caminhos*

4. CONCLUSÃO

5. BIBLIOGRAFIA

6. ANEXOS

1. INTRODUÇÃO

Entender a cultura de um povo é compreender os elementos que formam sua identidade. Afinal, nas manifestações populares estão os sinais que dão sentido à vivência dos membros de uma sociedade e que proporcionam a existência de projetos coletivos. É através da cultura que o homem assinala seus feitos, marcas e celebrações, gerando conhecimentos que são passados de geração em geração e que constroem a riqueza de sua história e tradição.

Na formação da complexidade de sua cultura, cada sociedade elege seus símbolos, sua arquitetura e sua memória, numa busca intensa por um significado para seu existir no mundo.

Para que a cultura de um povo não se perca com a força do tempo, ações de resgate da tradição e da memória nascem dos setores mais esforçados e conscientes da sociedade. Atualmente, o Brasil iniciou um trabalho de recuperação de patrimônios. Com ele, velhos casarões, estações ferroviárias, praças e conjuntos arquitetônicos passam a possuir uma áurea de respeitabilidade diante da população.

É uma força na contramão da tendência das relações mundiais. Enquanto em todos os setores encontramos a multiplicidade de valores, originados de sociedades muito

distintas, num esforço por fazer crescer as relações comerciais entre os países, de outro lado encontramos o localismo e a tendência de se tentar recuperar os elementos que dão sentido à coletividade.

Resgatar valores locais e preservar o que é importante para um pequeno grupo não são tarefas fáceis. Implica em caminhar na contra uma grande força o consumo que tenta mercantilizar todas as relações humanas.

Ainda assim, trabalhos de recuperação do patrimônio de uma comunidade persistem, como tem acontecido com o Forum da Cultura, um centro cultural da Universidade Federal de Juiz de Fora.

A UFJF chega a 2003 com apenas 43 anos de existência. Confrontada com as européias, é apenas uma fagulha na imensa fogueira dos tempos. Mas, por estar em um país e em uma cidade jovens, cada monumento se torna importante na medida em que se preserva. Cada lembrança e documentos que são guardados são dotados de grande valor para que a história local não se perca.

O Forum da Cultura é um bem cultural muito valioso para a memória local, porque resgata a década de 20, anos de glória de Juiz de Fora. Nos 80 anos de sua trajetória, transformou-se de residência familiar a centro de cultura, e sua casa possui hoje o valor de um rico arquivo histórico, no qual cada detalhe de sua arquitetura

documenta importantes momentos destas oito décadas de história.

O Forum tornou-se veículo de expressão dentro da UFJF, com atividades voltadas para o público universitário e para a comunidade. Sua arquitetura foi preenchida com funções diferenciadas, como residência, faculdade de Direito e casa de cultura.

Ao completar 30 anos, criou uma reputação de centro cultural comprometido com uma arte construtora de cidadania. A amplitude de ações que a Universidade encontrou através desta casa, numa descoberta ainda recente, já afeta simbolicamente a comunidade e interfere na formação de todos os setores que compõem a sociedade.

A variedade de eventos e objetos que compõem aquele ambiente nos questiona sobre a gama de possibilidades de ação pela universidade. Além disso, a força e a voz da comunidade ainda nos induzem a acreditar que o potencial de sucesso da interação universidade-sociedade ainda tem um grande horizonte de expansão.

Muitas trilhas foram percorridas, muitos bons resultados foram alcançados, frutos de intenso trabalho, mas muito há ainda para realizar. A missão desta casa, que é parte essencial da história de Juiz de Fora, está apenas começando a mostrar seu potencial.

2. A EPIFANIA DO FORUM

A palavra cultura nos remete atualmente a diferentes significados. Para se falar em produção cultural, difusão e centros de tal área é preciso conhecer o significado original da palavra, seu sentido atual e sua importância no interior das sociedades.

Pensar na comunidade faz parte dos deveres sociais do artista. Afinal, não é possível neutralizar as influências sociais de seu trabalho, assim como não é possível isentar a comunidade dos efeitos de sua obra.

A produção cultural é, atualmente, muitas vezes considerada como elemento multiplicador de lucros. De forma que teatros, salas e instrumentos são tratados como meros objetos passíveis de locação. O ensino artístico é explorado enquanto capaz de gerar dividendos, numa prática mercadológica da vivência cultural.

Enquanto a tradição e os valores culturais são distorcidos, o Forum da Cultura se revela como legítimo incentivador da produção e difusão cultural, além de árduo defensor do resgate dos valores da sociedade. Como resultado de seu trabalho, exercendo verdadeiramente seu caráter de centro cultural, a identidade coletiva é recuperada e novos meios de expressão de contestação são colocados a favor da coletividade.

2.1. *A genealogia da cultura*

Entender os diversos tipos existentes de cultura faz parte de uma preocupação contemporânea em compreender os caminhos que conduziram os diferentes grupos humanos às suas relações atuais e às suas perspectivas para o futuro.

Os conceitos mais aceitos de cultura são os que a consideram como tudo aquilo que caracteriza uma população humana e todo conhecimento que uma sociedade tem sobre si mesma, assim como a forma como o codifica, o expressa e o simboliza.

O mais antigo conceito de cultura é possivelmente o de Tylor (1871)[1] que a descreve como um complexo total de conhecimentos, crenças, artes e costumes, adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade. Também é entendida, muitas vezes, como o modo pelo qual as pessoas adaptam-se ao seu ambiente, como pensava Ashley Montagu[2].

Cultura vem do latim *colere*, que significa "cultivar". Essa distância do sentido atual é explicada pelo fato de que cultura traduzia a realidade do homem, numa época em que era extremamente ligado à agricultura, atividade coletiva dominante por muitas décadas[3].

---

[1] Cf. Enciclopédia Britânica. 1990: p.158.
[2] ibidem. p. 158.
[3] Cf. SANTOS, J. 1994: p.27.

Apesar de uma constante em todas as sociedades, cultura não é algo natural, decorrente de leis físicas ou biológicas, mas um produto coletivo. Não se reduz apenas a um reflexo dos outros aspectos que compõem a vida em sociedade, mas é um espaço com grande potencial para propor e realizar mudanças[4].

Esta capacidade para transformar é facilmente visível no próprio desenvolvimento da humanidade, quando o contato entre as culturas trouxe o crescimento. Diferentes grupos de pessoas, com seu modo singular de se organizar socialmente, de fabricar sua realidade e de expressá-la, tiveram diversos conflitos entre si, levando ao desenvolvimento e à evolução de seus conhecimentos.

Na história, a preocupação sistemática com a cultura tem sua origem no século XVIII, na Alemanha. Era um momento em que as pessoas tentavam conhecer o desenvolvimento dos povos, relacionando-o com as condições materiais de que dispunham. A situação de extrema segmentação política daquele país na época fez com que buscassem entender a cultura enquanto elemento unificador de um povo. E, embora na política alemã houvesse extrema divisão de poder, de funções, de opiniões, de participação e de importância, as pessoas podiam entender-se unidas, partes do conjunto, por apresentarem elementos que as caracterizavam como iguais,

[4] Cf. SANTOS, J. 1994: p.41-42.

como língua, crenças, costumes e formas de expressão e pensamento.

Se entendermos que no princípio da humanidade era provável que os homens fossem fisicamente bastante semelhantes entre si e, estando em pequeno número, fossem mais próximos, podemos entender que seria lógico que representassem igual valor uns para com os outros. Quando, então, se multiplicaram e se espalharam pelos vários continentes do mundo, suas relações e seus contatos minguaram-se, e os grupos isolaram-se. Então, cada grupo tornou-se uma sociedade, que passou a compartilhar características de identidade, como proximidade, história e linguagem, originando uma cultura específica.

Há no mundo hoje uma grande diversidade de culturas, mostrando toda riqueza e multiplicidade de existências humanas. Tal diversidade permite que um ser humano se perceba enquanto ser social, importante enquanto é diferente dos outros. E é a forma particular como um grupo se organiza, transforma sua vida em sociedade e supera suas tensões que define seu destino.

Na América Latina, a cultura dos donos das terras, antes da dominação européia, é tida como à parte das culturas que se desenvolveram após a colonização. No Brasil, a diferença de classes, grupos e regiões faz com que existam muitas diferenças culturais internas,

principalmente porque nossa população foi formada por imigrantes de várias partes do mundo.

Na mineração aurífera, era necessário que um senhor possuísse pelo menos 12 escravos para ganhar uma terra para extração; numa época em que o pó de ouro escondido ocasionou a alforria de muitos escravos. Nos tempos áureos da economia cafeeira, eram dois mil escravos na região, para 2.400 homens livres; em 1872, 18.775 escravos viviam na Vila, contra apenas 11.604 homens livres. Assim, os escravos africanos eram em 1860 quase 60% da população, e foram eles que construíram prédios, abriram estradas, ajudando a construir a história[5]. Com a Lei Áurea, em 1888, a população negra juntou-se à mão de obra livre e pobre.

Desde 1850, o governo brasileiro incentivava a vinda de imigrantes alemães para o País, buscando povoar regiões ainda vazias, valorizar terras e estimular a produção de alimentos para as lavouras de café. Em nossa cidade, Mariano Procópio Ferreira Lage conseguiu empréstimos para seu projeto de montar uma colônia alemã em Juiz de Fora, o qual trouxe dois mil imigrantes.

Esta multiplicidade de raças está bem presente na história de Juiz de Fora que, desde quando se chamava Vila de Santo Antônio do Paraibuna, destacava-se por possuir o maior número de imigrantes da região. Em 1857, 1.162

[5] Cf. OLIVEIRA, M. 1994: p. 25-35

alemães chegaram aqui, ocupando os lugares que hoje correspondem aos bairros de São Pedro, Borboleta e parte do Fábrica. Não encontraram apoio suficiente para lidar com as diferenças culturais e para desenvolverem a agricultura. Tiveram então que migrar para o centro urbano, quando a maioria somou-se à força operária da época. Outros usaram suas tradições e conhecimentos e montaram negócios, como as oito cervejarias que surgiram.

Maior mistura da população ainda estava por vir. Com outras imigrações, como a de italianos e japoneses, estas etnias foram se misturando no Brasil. Esta diversidade populacional fez com que o País pudesse contar hoje com uma grande riqueza de elementos culturais; além da formação de uma cultura comum, eclética e livre de rigor nos costumes, ainda encontramos traços dos diversos países de origem na população, como na capoeira, no candomblé, na culinária e no artesanato.

No mundo todo, existe hoje uma grande intensificação das relações entre os grupos humanos, seja por economia, por política ou por tecnologia, tendendo a formar uma cultura comum, uma civilização mundial. No entanto, não se trata de uma relação interpessoal genuína, mas de fluxos de informações que correm desequilibradamente, tirando qualquer estabilidade que possa existir nos países fracos economicamente.

Países que dominam a economia espalham pelo mundo seus hábitos e crenças, como se os outros países pudessem incorporá-los imediatamente em suas realidades, mesmo estando fora de seu contexto: quando, na verdade, uma realidade cultural só tem sentido para aqueles que a vivem, porque obedece a uma lógica interna, essencial na compreensão de seus costumes, concepções e transformações.

Por todas estas características, a cultura deve ser entendida enquanto fator dinâmico da sociedade, já que "move-se não apenas pelo que existe, mas também pela possibilidade de projetos do que pode vir a existir[6]". Nesta dinâmica, a cultura é então agente, de modo que as manifestações culturais têm a possibilidade de agir no social, propor soluções e questionar a realidade, num movimento que acompanha as transformações do ambiente em que se vive.

Nas lutas sociais atuais por um mundo melhor, a cultura ocupa um espaço atual importante, em prol do progresso social e da liberdade, contra a exploração, opressão e desigualdade, agindo em favor da harmonia da sociedade. Mas nem sempre é enxergada como tal.

A produção cultural, enquanto resgate das raízes culturais de uma sociedade, torna-se um elemento potencialmente forte também na recuperação dos valores

[6] SANTOS. J. 1994: p. 20.

locais e das tradições dos povos, na contramão da massificação causada pelo grande fluxo de informações no interior das sociedades e pelas pressões econômicas por parte de outros países. Muitas vezes essas pressões são oriundas de países dominadores, que possuem propósito de homogeneização e controle da população, na tentativa de exercerem total controle sobre a opinião dentro da sociedade.

Nestor Canclini, em seu livro *Consumidores e Cidadãos*[7], também trata da inundação de informações culturais distintas nos grandes centros urbanos. Estes se tornam locais de mistura de valores, técnicas e tradições de sociedades de diversas partes do mundo, com grande influência das atividades econômicas, nas quais produtos utilizam matéria-prima de um país, são montados em outro, para serem vendidos em um terceiro. Com a mancha urbana em constante crescimento, num ritmo mais veloz que a expansão dos equipamentos culturais públicos, observa-se uma atomização das práticas simbólicas e grande desagregação.

Juiz de Fora tradicionalmente destaca-se no setor cultural. Já em 1870 apresentava uma imprensa muito ativa, com publicação regular de alguns jornais. O primeiro deles, *O Imparcial*, data de 1870, e o mais importante do período, *O Pharol,* existiu de 1872 a 1939, contribuindo para a

[7] Cf. CANCLINI, N. 1995: p. 27-30.

formação da opinião pública e retratando a atividade cultural da cidade. A cidade contou com um dinamismo na imprensa tão intenso que, somente no século XIX, possuiu 55 jornais, num período em que a divulgação de informações era dificultada pelo grande número de analfabetos, poucas escolas e quase nenhum acesso a livros. Entretanto, os jornais, dominados pelas elites, pouco ou nada faziam pelos menos favorecidos.

Os estudos até agora realizados sobre a vida cultural de Juiz de Fora mostram que inicialmente a cidade era mais progressista, atraindo interesses variados, religiões diversas e sendo receptiva ao debate de idéias. A vida cultural movimentava todos os setores da sociedade. E, devido à sua estreita vinculação com o dinamismo do Rio de Janeiro, Juiz de Fora se afirma como centro de modernidade. Seu desenvolvimento industrial fez com que os teatros, cinemas, jornais, colégios e a intensa atividade literária refletissem o desejo de criação de uma nova imagem para a cidade.

Representantes de várias religiões atuavam em Juiz de Fora, onde passaram a residir católicos, protestantes, espíritas e maçons. A Igreja Católica instala a força do dogma na cidade, atuando no ensino e dando à educação um caráter mais conservador. Seguindo o modo de pensar americano, os metodistas fundaram o Instituto Granbery,

caracterizado por um ensino integrado às necessidades de formação de gerentes para indústrias, bancos e comércio.

Foi também com os colégios religiosos que o teatro se propagou na cidade. Academia do Comércio, Stella Matutina, Colégio Santa Catarina e Granbery, juntamente ao grande número de grupos de escolas públicas, sindicatos, empresas e indústrias, formam grupos teatrais que preservam a herança dos clubes dramáticos em Juiz de Fora[8].

A herança teatral é marcante na cidade desde as cavalhadas, e surge como teatro propriamente dito através de uma apresentação na casa do Dr. Eduardo de Menezes de um grupo amador vindo de fora. Mas foi em 1858 que o primeiro espetáculo teatral foi produzido na cidade. O teatro começa a mostrar-se uma grande vocação dos juizforanos.

Em 30 de março de 1929, é construído o Cine-Theatro Central, como fruto da riqueza da produção teatral e da projeção da cidade enquanto marco cultural, tanto em âmbito estadual como nacional. Nesta época, a proliferação de grupos teatrais amadores, aliada ao cinema, vai fomentar a vida cultural na cidade, em uma série de apresentações que trouxeram muita diversão à sociedade juizforana.

A década de 50 é marcada pela presença de grandes espetáculos vindos de outros centros e pela saída de artistas locais para apresentações em outras cidades, como

[8] Cf. RIBEIRO, J. 2003: p. 07-10.

aconteceu com o espetáculo *Há dois mil anos*, de Ali Halfeld, que se apresentou no Teatro Francisco Nunes, em Belo Horizonte. A obra de Ali Halfeld lotou o Central em todas as suas apresentações.

Em 1971, foi criado o Forum da Cultura e inaugurado em 1972, a partir daí o forte da produção teatral passa a esta casa, sede do Grupo Divulgação, que, recebendo diversos prêmios nacionais, revela-se como um embrião de uma escola de Artes Cênicas na UFJF. Em toda a década de 70, novos grupos surgem, dentro e fora de escolas. Assim, produções que envolvem não só o teatro, mas também a música, mostram a efervescência na produção local, testemunhada e prestigiada pela mídia nas décadas de 70 e 80.

Até a arquitetura local reflete a prosperidade econômica e cultural da cidade. O estilo eclético das construções permite a integração de variadas manifestações arquitetônicas. O arquiteto Niemeyer e os pintores Di Cavalcanti e Portinari também deixaram sua marca na cidade. Mas foi diante do esplendor causado pela construção dos teatros que as residências passaram a apresentar arquitetura mais requintada.

2.2. *Cultura e Sociedade*

Ao se pensar a importância das casas de cultura e dos artistas que ali nascem ou recebem abrigo, é despertada a velha discussão[9]: o valor do artista está no potencial de sua obra em expressar a realidade ou na sua independência, enquanto valor estético?

Durante muitos anos esta discussão ocupou o trabalho de intelectuais do mundo inteiro, que se dividiam nessas duas correntes. Através de pesquisas e análises de trabalhos de vários artistas, chegou-se ao pensamento dominante que as duas tendências não podem ser entendidas separadamente.

Ao mesmo tempo em que o fator social fornece matéria para a obra – como costumes, ambientes, traços grupais e idéias – sendo veículo para a corrente criadora, é também elemento determinante no valor estético, ou seja, atua na constituição do que é essencial para a obra enquanto *obra de arte*.

Há algum tempo, a tendência mais aceita costumava considerar que tudo o que o artista produzia era fruto de sua realidade social somente, desconsiderando suas idéias, sua vivência, a tradição de sua família, sua formação e todos os fatores que o caracterizam como singular dentro de

[9] MELLO e SOUZA, A. C. 2000: p. 1-20.

seu meio. Apostava no social enquanto elemento explicativo de qualquer atividade.

A corrente contrária sabia que o artista era capaz de afetar a sociedade, mas considerava como sua principal vocação produzir sobre si mesmo, criar de um jeito singular, utilizando técnicas e formas. O social por vezes era apenas um objeto, elemento ilustrativo na obra. A estrutura era mais importante que qualquer função que pudesse desenvolver.

Um trecho de Sainte-Beuve[10] diz que o artista não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor, mas possui o seu próprio espelho, sua mônada[11] individual e única. Tem seu próprio núcleo e seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver para a realidade. Tal pensamento faz parte das tendências mais vivas da estética moderna, que acreditam que a obra de arte plasma o seu meio, criando o seu próprio público e vias de penetração.

A dialética que surgiu ao fundir as duas correntes de análise da influência do artista no meio e vice-versa juntou texto a contexto, em que o elemento externo – no caso, o social – passa a importar não como causa ou

[10] Cf. MELLO e SOUZA, A. C. 2000: p. 1-20

[11] Segundo o Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa, da Ed. Bloch, mônada é uma "unidade substancial simples, ativa, indivisível, impenetrável; elemento básico constituinte da realidade física".

significado, mas como elemento decisivo na formação da estrutura da obra, tornando-se, portanto, também interno.

Tal resultado reflete uma tendência multidisciplinar no processo de análise da arte e da cultura. Fausto do Macrocosmos[12] foi provavelmente um dos primeiros pensadores a acreditar que tudo funciona como um tecido: um conjunto onde cada parte vive e atua sobre a outra.

Tolstoi[13] diz que a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando sua conduta e percepção do mundo ou reforçando o sentimento dos valores sociais.

Sendo desta forma, o processo de produção artística e cultural tem quatro fases: 1) o artista, por necessidade interior, orienta-se segundo os padrões de sua época; 2) escolhe certos temas; 3) usa certas formas; 4) o resultado de sua obra age no meio.

Este entendimento torna-se essencial para a compreensão de que a arte, e a cultura de um modo geral, é mais que transmissão de noções e conceitos, é comunicação expressiva, revelação de realidades profundamente radicadas no artista. Realidades que formam e modificam a sua identidade enquanto membro de uma sociedade e que o fazem

[12] Cf. MELLO e SOUZA, A. C. 2000: p. 1-20
[13] ibidem. p. 1-20

sentir parte importante em seu grupo, como acontece com todos os seres humanos em seu meio.

Na história da humanidade, em todas as suas fases e períodos, o homem é encontrado selecionando elementos nos quais encontra alguma identidade, na busca inquieta por um significado para existir no mundo. Organizando símbolos e imagens, forma sua identidade nos seus aspectos religiosos, cívicos, artísticos, políticos e econômicos.

No Brasil, é a partir do modernismo que nasce a ânsia por uma identidade nacional. Afinal, toda a década de 20 foi marcada por uma desestruturação progressiva do sistema que servia de base para a República Velha. As denúncias contra o regime percorrem todos os setores da sociedade, inclusive o cultural, e, com o movimento operário fortalecido, nasce em 1922 um partido comunista e junto com ele o assombro que os mitos e medos do comunismo causam na sociedade.

Se antes as manifestações artísticas e culturais tinham como ambiente principalmente a igreja, um dos alicerces da República Velha, os artistas tendem então, neste momento histórico, a identificar-se com o comunismo e a fugir do local sacro, criando novos ambientes, quando aparecem os museus, teatros e a preocupação em se atingir também o público proletário.

É ainda em 1922, em São Paulo, que artistas e intelectuais, em meio a toda agitação urbana causada pelo movimento operário, se reúnem para formar a Semana de Arte Moderna, como contestação à mentalidade brasileira tradicional e em favor de uma discussão mais ampla da realidade. Entre os manifestantes estavam Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Anita Malfati, Di Cavalcanti e outros artistas que deram ao Teatro Municipal de São Paulo a maior agitação de sua história.

Entende-se nesta época que a cultura só faz sentido enquanto suas manifestações estão voltadas para o popular. Tem-se, então, a introdução de atividades culturais nas escolas, como parte do currículo e dos programas de várias disciplinas. São atividades que reafirmam o folclore de nosso país, que tratam de histórias e artistas importantes para a região em que se vive, que falam de artesanato local, ensinam técnicas a seu respeito e que incentivam o teatro; além de aulas de canto, desenho e pintura.

Através deste conjunto de ações nesta fase histórica, temos na escola um importante centro cultural, que revitaliza as raízes de uma sociedade tendo como parceiros os alunos - representantes de diversas famílias da comunidade. Como resultado, uma cultura enriquecida, crianças e adolescentes bem formados e capacitados para entender a realidade em que vivem.

Tais valores se desligam do sistema de ensino com o tempo. As reformas curriculares reduzem estas atividades a uma só disciplina, educação artística, desvinculando as atividades culturais de seu contexto histórico, de sua importância social. As atividades em sala de aula passam a não mais produzir e incentivar pequenos artistas preservadores da tradição local, mas a ensinar técnicas simples, nos quais desenhos e pinturas transformam-se em meras atividades de lazer e descontração, símbolo de festa.

Com o neoliberalismo, as escolas sofrem com o descuido e a pobreza, resultando em professores mal-remunerados e incultos, obrigados a usar todo o seu tempo dividindo-se entre várias escolas e abrindo mão de investir em sua própria formação, já que não recebem incentivos para isso.

Ao mesmo tempo, nasce a forte tendência de centros culturais ligados a empresas e a seu *marketing*. Banco do Brasil, Rede Globo, Belgo Mineira e milhares de outras espalhadas por todo o território nacional investem nas estratégias do conhecido *marketing social*. Esta relação direta de empresas com a produção cultural traz resultados excelentes para sua imagem aos olhos da sociedade, sendo mais vantajosa que qualquer outra campanha publicitária.

A troca de características entre produção cultural e economia ocasiona a profissionalização nessa atividade e a

criação da figura do produtor cultural. Estratégias de mercado, que visavam convencer um grande público a consumir determinados produtos ou serviços, são agora utilizadas em "favor" da indústria simbólica.

Esta relação chega a ser até certo ponto desleal com a comunidade. Num país carente de ações sociais em todas as regiões – mais em umas que em outras, evidentemente – qualquer ação de combate à fome, ao desemprego, à falta de formação pessoal e profissional é sempre encarada com bons olhos. Mas os objetivos de tais ações não podem ser desconsiderados. De onde nasce a idéia de ajudar? Para atingir que fins? Quem são as pessoas por trás das atividades? Que empresas estão envolvidas?

Estas questões fazem-se necessárias na compreensão do universo em que se vive e na formação de conceitos sobre a atuação destes setores na sociedade. Saber que há um "interesseiro" por trás de boas ações não significa rejeitar toda a sua ajuda, mas entendê-la e questioná-la. Funciona como em épocas de campanha eleitoral, nas quais todos os candidatos comportam-se de maneira angelical. Cabe à população identificá-los como não-anjos, reconhecer seus defeitos e até mesmo sua dissimulação diante da sociedade, sem precisar abrir mão dos benefícios que eles lhe trazem. É como pensar: tal candidato ofereceu transporte e alimentação para uma família que passa momentos de falta

destes elementos essenciais, com o objetivo de receber os nossos votos. Pode-se reconhecer que esta é uma estratégia errada e não votar nele, mas não é preciso abrir mão dos "presentes" se eles são necessários para a sobrevivência.

Assim também acontece com muitas empresas que utilizam o *marketing* social. Sabemos que, incentivando ações culturais, patrocinando projetos voluntários de ação social e times esportivos, muitas delas estão economizando a grande quantidade de dinheiro que gastariam numa propaganda capaz de trazer resultados tão significativos. Utilizando parte de seus lucros para ajudar nas carências sociais, acabam convencendo a sociedade de sua "generosidade". Selos em produtos, por exemplo o que diz "*esta empresa é amiga da criança"*, fazem com que os consumidores possam identificar estas empresas e a preferir seus produtos diante de outros que não o possuem. E, muitas vezes, este é o objetivo da campanha: formar uma boa imagem da empresa, e ainda dar um caráter malvado ao concorrente que não utiliza esta estratégia – ou até a utiliza, mas não divulga.

Logicamente, num Brasil tomado por injustiças sociais e milhares de situações de miséria e pobreza, qualquer ação social é bem-vinda e não pode ser rejeitada. No entanto, receber um auxílio não pode calar a discussão coletiva. As pessoas devem ter acesso aos acontecimentos de

sua sociedade e discuti-los enquanto são contestáveis. Devem, por exemplo, saber identificar quais instituições deixaram de cumprir suas obrigações com a comunidade e deram brechas para empresas assumirem parte destas funções.

Seria diferente se a boa ação em questão fosse em prol do meio ambiente e da ecologia. A TV Alterosa está veiculando uma campanha que tenta incentivar o consumidor a escolher empresas que incentivam a reciclagem. Neste caso, preferir as empresas que utilizam material reciclado ou que tratam seus resíduos para que não agridam a natureza é uma forma de obrigá-las a cumprir seus deveres enquanto parte de uma sociedade, já que preservar o ambiente é uma obrigação de todos, em favor da sobrevivência futura.

A discussão nos diversos grupos sociais deve ser constante, incentivada inclusive pelas classes dominantes, para que as relações aconteçam de forma mais equilibrada e a população mais pobre também seja pensante, o que auxilia no crescimento do País em todos os sentidos.

O consumo limitou a participação das pessoas. Passou a divulgar a ideologia que um indivíduo vale de acordo com o que consome. As idéias expressas nas campanhas de publicidade, como a que tal margarina traz harmonia para toda a família, que um desodorante torna o homem conquistador ou que determinada pasta de higiene bucal acaba com os conflitos de gerações, não se limitaram ao

momento das compras. O poder de aquisição de uma pessoa, assim como os objetos que escolhe, tornam o sujeito mais ou menos importante socialmente.

A política tradicionalmente funcionava como lugar de discussão de valores. Enquanto o membro de uma sociedade exercia sua cidadania, sua importância era definida em seu grupo. Mas, com a decepção com que as pessoas têm tratado a política, esta função deslocou-se perigosamente para o consumo, que passa a ocupar o lugar da resposta de questões essenciais – a que lugar uma pessoa pertence, como pode se informar, quem representa seus interesses.

Enquanto estas questões não são colocadas em juízo para toda a sociedade, o produtor cultural torna-se importante ferramenta neste processo. É um profissional especializado em organizar campanhas que misturam cultura, economia, propaganda, publicidade e o que mais convier. Empresas passam a investir na formação destes especialistas e até cursos superiores públicos surgem nesta área, como o que existe na Universidade Federal Fluminense – UFF e na Universidade Federal da Bahia – UFBA.

O que não é colocado em questão é que, enquanto surgem estes profissionais, os amadores são tirados de cena ou são desvalorizados. Entretanto, por vários séculos foram os amadores que fizeram – e fazem – reviver a cultura brasileira através de suas ações esforçadas e cheias de

entusiasmo. Isto porque, sem maiores incentivos por outros setores da sociedade, trabalham por pouca ou nenhuma remuneração, tomados pelo amor à profissão.

A história brasileira está repleta de exemplos de amadores que revolucionaram as artes, que enfrentaram o sistema e que levaram a discussão para toda a sociedade. E, no entanto, tem seu lugar de importância hoje ocupado pelo agente cultural, tão valorizado pelas empresas que agora dominam os incentivos à cultura.

E os papéis sociais confundem-se. Enquanto instituições, como a universidade, deveriam cumprir o dever de servir de acesso às manifestações culturais e à sua discussão, o que se encontra é um conjunto de ações muito menor do que o das empresas anteriormente citadas.

A maioria dos *centros culturais* atuais surge neste contexto, abraçados por grandes empresas e ligados a valores econômicos. Sob a idéia de produção e difusão cultural, os centros multiplicam-se e tornam-se regionais, tendo como rótulo o propósito de situar os valores específicos de cada região.

Esta expansão do pensamento localista é benéfica à sociedade, já que se vive numa complexa situação multicultural, provocada pelo fluxo intenso de informações entre os países e revelada pela expansão dos canais informativos.

2.3. *Um centro cultural*

Atualmente, um centro cultural regional nem sempre o é verdadeiramente. Um centro cultural é aquele que, além de mero ambiente físico utilizado para a difusão de manifestações culturais, promove também sua produção, de forma a não permanecer estático, mas atuante na realidade social em que está inserido.

É um legítimo abrigo da cultura, onde ela tem como ser pensada em seu contexto e ser reconhecida por pessoas que participam de sua realidade. É também um local onde toda a sociedade é chamada a reagir diante dos problemas e tensões que enfrenta, com possibilidade de se expressar através da produção de elementos próprios de sua cultura, que correspondem ao sentimento coletivo de uma época.

É um espaço onde as pessoas podem discutir abertamente entre si sobre tudo o que é questionável e um ponto de encontro capaz de transmitir as alegrias e insatisfações do lugar em que está inserido, dando voz a todos. Além disso, um centro cultural possui a função de preservar a memória local e de difundir conhecimentos artísticos e literários. Deve estar intimamente ligado ao localismo, valorizando-o e auxiliando na conservação da identidade cultural. Deve ser também uma atividade de lazer para seu público, na qual as pessoas daquela sociedade têm

a possibilidade de se recuperar fisicamente; ser o descanso e a distração que compensam as muitas horas de trabalho.

Existem vários tipos de espaços que são considerados centros culturais. Entre eles, aqueles que são voltados para a documentação, como o arquivo histórico da Universidade Federal de Juiz de Fora. Nele são organizados documentos importantes na comprovação de fatos marcantes da história do Brasil e de sua região. Através destes documentos os fatos são marcados e a memória coletiva é preservada. O acesso do público a estes registros permite que a comunidade identifique-se com sua origem e projete ações futuras, num desejo de continuar a história enquanto agente relevante na composição dos fatos.

Isto é possível, por exemplo, quando é levantado que uma personalidade juizforana foi responsável pela construção de uma importante estrada ou participou de um movimento de contestação ao sistema que alterou as normas sociais. Se um Presidente da República saiu da sua cidade, do seu bairro ou da sua escola, por que um cidadão anônimo não poderia ser um próximo líder?

Outros centros são voltados principalmente para a difusão cultural. No Brasil, existem inúmeros locais difusores, entre eles museus, valorizando artistas e resgatando partes importantes da história local, e galerias

nos mais diversos ambientes, cada qual buscando um público específico.

Entre as centenas de exemplos estão a Ato[14], de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Em suas atividades busca trabalhar a preservação do patrimônio histórico e facilitar o acesso às leis de incentivo à cultura. A Alliance[15] busca promover o intercâmbio cultural entre o Brasil e a Rússia e o *site* Revista da Cultura[16] busca auxiliar a divulgação de trabalhos acadêmicos.

Alguns centros são voltados para outros setores da produção cultural, como o Pró-Musica em Juiz de Fora. Inicialmente abrigado pela UFJF, o centro dedica-se à formação de músicos e reflete a tendência de mercantilização das atividades culturais. Atua em três níveis de afetação: o ensino, a difusão de manifestações culturais e a produção, voltada para seu caráter mercadológico. Nasceu dos conservatórios, quando a arte possuía um caráter escolar.

Assim como estes, o Pró Música ensina técnicas musicais, formando profissionais da área e cobrando por esta formação através de mensalidades. Além da escola de música, o seu teatro e a sua galeria também são locadas

[14] http://www.geocities.com/baja/canyon/8894/ato_patrimônio.htm
[15] http://members.tripod.com/~aliance2/
[16] http://planeta.terra.com.br/noticias/revistadacultura/

para muitas atividades, de diversas artes, sendo uma fonte de renda complementar para a instituição.

Dentro desta tendência de profissionalização, surgem oficinas, *workshops*, em ambientes diversos, como o Espaço Mascarenhas. Este, além de resgatar a história local pela importância do próprio prédio, que já foi uma das fábricas mais importantes da região e possui traços arquitetônicos que marcam uma época, abriga uma série de incentivos culturais. São salas de exposição e dezenas de oficinas artísticas que acontecem durante todo o ano. Mais uma vez em nossa cidade, um local dedica-se ao ensino de técnicas e à formação de profissionais da cultura.

O Banco do Brasil apresenta um grande projeto de difusão cultural, que recebe o nome de *Circuito Cultural*. Por meio da realização de eventos itinerantes, leva apresentações de teatro, exposições de artes plásticas, fotografia, dança e shows de música para várias cidades brasileiras, num calendário agitado que atinge quase todos os estados.

Os eventos do Circuito Cultural do Banco do Brasil procuram também incentivar a cidadania e o real envolvimento da comunidade. Nas exposições, o público doa um quilo de alimento não-perecível, livros infantis e adquire seu ingresso a preços populares, numa campanha que estimula a participação popular na colaboração em obras de

caráter social. Segundo o projeto, os alimentos, livros e toda a renda obtida com a venda dos ingressos são doados para instituições assistenciais.

Os centros culturais do Banco do Brasil são exemplos de incentivo às diversas manifestações culturais e de respeito às singularidades de cada região. Sua ação começa com a inscrição de projetos a serem inseridos em sua programação anual. Muitos grupos de teatro e dança, corais e artistas amadores têm ali uma das poucas oportunidades atuais de ter seu trabalho reconhecido.

Para a programação de 2003 foram inscritos 1600 projetos nos Centros Culturais do Banco do Brasil em Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. Os projetos nas áreas de Artes Plásticas, Cinema, Música e Teatro, entre outros, ainda passam por um processo de seleção.

Para as atividades em Brasília, nas Artes Cênicas, foram 66 projetos inscritos para teatro e 18 para dança; nas artes plásticas, foram 57 projetos, em cinema e vídeo, 20 projetos; para debates, workshops e palestras, 21 inscrições; música instrumental ou erudita, 58; música popular, 62 inscrições; para programas educativos, 18; num total de 320 projetos.

Para as atividades do Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, foram inscritos 589 projetos, dentre os quais 167 para o teatro e 181 para música instrumental ou erudita. Em

São Paulo, nas mesmas áreas citadas acima, as inscrições somaram um total de 672 projetos.

É ainda em São Paulo que encontramos um pólo cultural brasileiro. O Centro Cultural da cidade[17] nasceu de uma biblioteca e transformou-se numa casa de cultura, abrigando teatro, música, dança, cinemas, exposições de artes visuais, e, o que é mais importante, tornou-se ponto de encontro e discussões. O acesso é fácil pelo grande público, já que quase todas as atrações são gratuitas ou possuem preços populares. Além disso, promove oficinas de arte para pessoas de todas as idades.

O modelo das casas de cultura paulistas se multiplicou nas pequenas cidades brasileiras. Velhas estações ferroviárias, antigos casarões e galpões foram transformados em pontos de encontro comunitário. Essa tendência foi ainda responsável pelo amadurecimento de uma noção preservativa do patrimônio, da memória e da cidadania.

De forma semelhante atua o Forum da Cultura em Juiz de Fora. Abriga diferentes manifestações artísticas e populares, abrindo suas portas para um público heterogêneo e dando voz à comunidade local. Seu espaço é todo dedicado ao serviço à comunidade e às questões que a envolvem.

---

[17] http://sampa3.prodam.sp.gov.br/ccsp

Entendendo a complexidade da situação cultural de uma sociedade, do comportamento de seus artistas e de suas obras, fica mais fácil compreender a importância de centros culturais, como o Forum da Cultura.

Abrigando diversos tipos de manifestações culturais e incentivando a produção artística, está provocando o crescimento de sua sociedade, na medida em que várias realidades são postas em contato e entram em discussão. O espaço para debates, seja através de palavras, imagens ou sons, reflete a influência do social na arte e a expressão do artista, buscando afetar as pessoas de seu meio.

Desta forma, o Forum destaca-se por seu trabalho social, do qual tem feito prioridade no desenvolvimento de suas atividades. Os diferentes acervos e ambientes voltam-se para um objetivo comum: promover o acesso da comunidade, principalmente de sua parcela carente, a um centro cultural, onde ela possa não somente participar como espectadora, mas como elemento atuante e decisivo.

As atividades e a própria história do Forum da Cultura dos últimos anos carregam o firme propósito de estarem sempre atreladas à situação social que envolve a sociedade e darem voz às classes dominadas, através do incentivo de manifestações culturais populares.

O Forum também recupera a tradicional vocação juizforana de responder artisticamente às tensões vividas

pelo País e de debater toas as questões que afetam a sociedade. Juiz de Fora tem no Forum a oportunidade de mostrar-se ativa e destacar-se no cenário nacional, como em seu passado, e de ser centro cultural democrático e genuíno para a cidade e para grupos da região.

Esta relação intensa com a comunidade traz bons frutos também para a Universidade. Afinal, através de ações culturais, ela pode testar os conceitos ensinados em sala de aula e situar o papel do aluno na realidade local.

Não são raros os casos de estudantes, ou mesmo de profissionais formados, que fazem um curso superior e permanecem limitados em seus pensamentos. Tendem a encarar o mundo conforme o ângulo único da ciência que conheceram, ignorando a interdisciplinariedade das coisas que os cercam e as possibilidades de mudanças que estão aptos a realizar.

Em muitas obras literárias ainda encontramos o costume de se explicar o mundo e seu comportamento levando-se em conta apenas a psicanálise, ou a sociologia, ou qualquer outra ciência. As ciências exatas induzem a crer que tudo o que é provado numericamente é verdadeiro. Outras ciências, como a história, tendem a ver o conflito dos povos como o responsável por tudo o que acontece no interior de cada grupo humano.

Ainda há muitos outros exemplos de ciências que podem provocar a alienação do indivíduo diante da

complexidade da realidade, afinal qualquer tentativa de a traduzir por completo certamente estará limitada a meros pontos de vista, quando existem infinitos. O simples fato de compreender elementos de sua realidade como complexos já permite ao indivíduo um olhar crítico e multidisciplinar de qualquer situação que viva.

Cabe à universidade, centro de ciências, levar esta consciência à população e aos futuros profissionais de sua localidade. O encontro de múltiplas visões acontece em todos os setores da sociedade, seja na economia, na política, na educação, ou em outro qualquer, mas é na cultura que torna-se mais visível e passível de entendimento. Levando os alunos à comunidade, a cultura faz com eles possam se enxergar mutuamente, assim como conhecer suas funções enquanto parceiros de uma realidade.

Além disso, fatores como a má distribuição de renda provocam grandes desequilíbrios na sociedade, de forma a um grande número de pessoas passar por muitas carências, sejam físicas ou psicológicas. O contato de estudantes com estas pessoas possibilita uma visão mais ampla das mazelas sociais e da capacidade que o universitário tem, ainda enquanto estudante e principalmente quando tornar-se um profissional formado, de agir no contexto em que vive.

Da mesma forma, as pessoas da comunidade, no contato com a universidade, conseguem perceber a função social da

UFJF, podendo questionar suas ações e discutir questões de interesse comum.

Encontros entre comunidade e estudantes são continuamente provocados pelo trabalho do Forum da Cultura, em proporção muito significativa e ainda com potencial de crescimento aparentemente inesgotável. Alunos de Comunicação Social, de Artes, de Engenharia, de Direito e de outros cursos têm ali a oportunidade de extravasar os limites impostos pela teoria.

Assim, encontramos facilmente estudantes que se identificam com as obras expostas no Forum, assim como com as pessoas que o freqüentam. Numa exposição de artesanato, por exemplo, senhoras visitantes contam histórias de brinquedos que produziam em sua infância com os materiais que encontram no Museu, semelhantemente aos pais do estudante que está ali para as receber. É um encontro da história local, com os costumes da região, com as técnicas desenvolvidas por um povo que envia signos para outras gerações.

O teatro também tem representado um agente cultural enriquecedor. Através de projetos de extensão, estudantes de escolas públicas têm a oportunidade de assistir a espetáculos teatrais. Indo para o teatro, visitam as dependências do Forum, conhecem sua importância histórica, sua arquitetura, vistam o Museu de Cultura Popular e a

Galeria de Arte. Após a visita à Galeria, aguardam o início do espetáculo, discutindo temas que os cercam.

E assim, em poucas horas, um estudante pôde, talvez pela primeira vez em sua vida, conhecer diversas manifestações culturais – e a capacidade que ele mesmo possui para produzi-las. E, de forma igualmente importante, universitários puderam extrapolar os limites das ciências que estudam e entender-se em seu meio.

Desta forma, o Forum da Cultura consegue atingir seu objetivo enquanto legítimo centro cultural. Ao mesmo tempo em que abriga diferentes manifestações culturais, dando voz a artistas locais, divulgando diversas técnicas de arte e oferecendo ao público uma oportunidade de lazer rara atualmente, também proporciona encontros sociais essenciais na construção de coletividade equilibrada e harmoniosa.

Além disso, no Forum, estudantes e membros da sociedade em geral têm a oportunidade de adquirir conhecimentos, como os relacionados às técnicas teatrais, através de cursos oferecidos pelo Centro de Estudos Teatrais – Grupo Divulgação, que, algumas vezes por ano, ainda realiza um seminário de debates. O Forum da cultura, além de agente divulgador, é na prática também produtor formador, trabalhando em ações contínuas.

3. LUCROS E POSSIBILIDADES

O espaço físico do Forum da Cultura é um de seus maiores valores. A riqueza dos traços de sua arquitetura e das técnicas utilizadas em sua construção faz desta casa singular em sua importância. Os detalhes de sua entrada, da fachada e de cada um de seus cômodos, hoje devidamente recuperados e cuidados, impressionam por sua beleza e raridade nos dias atuais. Muitas das construções de sua época já foram derrubadas e se perderam na memória coletiva.

As atividades do Forum da Cultura, nos ambientes culturais ali desenvolvidos, falam diretamente à comunidade. Na Galeria de Arte, no Museu de Cultura Popular, no Teatro, na Pinacoteca e em seus acervos, os artistas renomados e anônimos da região são tratados com igual importância, desde que tenham contribuído para a coletividade.

Além disso, os projetos de extensão da Universidade que funcionam no Forum, desenvolvidos graças a uma essencial união de forças com o Centro de Estudos Teatrais – Grupo Divulgação, têm resultado em surpreendentes respostas da sociedade juizforana e acadêmica, de tal forma que o número de pessoas afetadas pelas diversas atividades vem crescendo vertiginosamente.

3.1. *Arquitetura, espaço e memória*

Atualmente, prédios modernos ocupam os lugares de velhas residências, levando ao chão e transformando em pó provas da história de um povo, personalidades e suas habilidades. São arranha-céus que surgem cada vez maiores e mais equipados com artifícios tecnológicos, prometendo segurança, conforto e praticidade.

Objetos urbanos que nascem em prol da prometida facilidade da vida moderna e que são tidos como valiosos o suficiente a ponto de merecerem o sacrifício da arquitetura de um tempo anterior. Como se se tratasse de uma espécie de aposentadoria arquitetônica, os transformadores baseiam-se na premissa de que a arquitetura acompanha as mudanças da sociedade e sentem-se dotados de poder para reformular toda a estética social, impondo símbolos de uma nova geração.

Como as construções não possuem "data de validade" pré-definida, cabe aos dirigentes locais decidirem o seu destino. Assim, construções são desfeitas segundo critérios subjetivos e a qualquer tempo, fazendo com que a sociedade sofra freqüentemente com a perda de elementos marcantes de sua história. Certamente, muitos locais foram preservados, especialmente após a criação de leis que valorizam elementos da paisagem urbana enquanto riquezas do patrimônio histórico de uma sociedade. Entretanto, a falta

de rigidez no cuidado de preservação desses bens coletivos ainda permite que a ignorância de algumas pessoas contribua para a sua destruição.

O Forum da Cultura é um local marcado por sua importância histórica e felizmente tem resistido ao tempo. Com traços bem trabalhados de sua arquitetura e detalhes que indicam a riqueza de seus primeiros moradores, sua fisionomia causa um impacto visual importante na percepção coletiva. Ocorre, então, a sacralização de seu espaço físico, diante das construções à sua volta, marcadas pela estética moderna.

O Forum é, assim, um elemento sacro da mentalidade coletiva, na medida em que carrega a riqueza histórica de seu povo, permitindo o resgate de sua memória, através de elementos que o diferenciam de outras construções e de sua beleza, visível em todos os detalhes da casa. Diante dele, a sociedade se deslumbra e se reverencia.

Há algumas décadas a casa está naquele local, testemunhando acontecimentos e sobrevivendo aos anos. O encanto diante de sua beleza é semelhante ao causado por muitas belas igrejas que também atravessaram décadas de história. E, assim como as igrejas, o Forum é percebido como bem coletivo, de maneira que hoje não pertence à UFJF apenas, mas à sociedade como um todo.

A casa foi construída para ser uma residência, por Clóvis Guimarães Mascarenhas. Sua fachada ostentava o nome "Villa Ceci", em homenagem à esposa do proprietário, Cecília Schlobach Procópio Vale Guimarães.

O prédio tem como inspiração as *villas* italianas, possuindo grades e portões em ferro moldado, com detalhes fundidos, num tempo em que as escadas da entrada indicavam tratar-se de uma família de posses. Os detalhes luxuosos retratam um tempo de fausto. Colunas dóricas na varanda sustentam o terraço do segundo andar, rodeado por balaústres. A parede frontal é repleta de adornos, com elementos de estuque em florões e cabeças de leões.

Encontramos na casa vitrais coloridos, com desenhos florais, pelos quais novas cores e tons são descobertos diariamente, quando ultrapassados por raios de sol. Os tetos são originais, em madeira de lei com delicados respiradouros, ou em metal, com detalhes geométricos emoldurando florões.

Os cômodos são iluminados por lustres, com cristais claros a azul celeste, tendo ainda um exemplar em porcelana. Cristais, portas de cedro com detalhes produzidos artesanalmente, pisos que formam desenhos variados, lustres e a escada nobre, juntamente com sua luminária feita por escultura em metal, são elementos encontrados pela casa toda. São traços que já não existem

na prática indústria da construção e que, por isso, tornaram-se raras preciosidades de antiquários.

Por fora, colunas e escadas mostram o estilo eclético do lugar, onde várias tendências estéticas são encontradas. Todo o conjunto dá ao visitante a inquietante sensação de estranhamento. A beleza do lugar causa simultaneamente espanto e encantamento, dando ao visitante a oportunidade de experimentar o gosto da riqueza de uma época.

O Forum se constitui em um dos mais significativos exemplares da arquitetura juizforana do início do século. Com características que revelam influências neoclássicas, como a sua fachada, e elementos internos que mostram formas e estilos de uma estética apurada.

É hoje um bem preservado e traz ao centro da cidade a memória de um período histórico marcante pela beleza das obras na cidade. Sua conservação garante o resgate dos valores estéticos, históricos, sociológicos e culturais pertinentes a este representativo bem arquitetônico. A manutenção de suas características originais propicia uma leitura mais precisa do bem cultural e garante seu uso comunitário de maneira eficaz, através de ações comunitárias permanentes.

Há alguns anos, tal admiração não seria possível. A estrutura básica da casa estava lá, mas por muito tempo a

casa não recebeu os cuidados que recebe hoje. Paredes infiltradas, degraus rachados e objetos quebrados juntavam-se aos objetos modernos que tentavam invadi-lo e, por pouco, não põem fim ao resgate da memória.

Nos últimos anos, a Administração Margarida Salomão dedicou-se a recuperar a memória do próprio Forum, para que este pudesse também resgatar a memória do povo do lugar onde surgiu. Só assim o prédio pôde alcançar os ares que tem hoje. Foi um duro trabalho de restauração. Com poucas verbas – às vezes nenhuma – móveis foram reformados, janelas consertadas e até pinturas de parede ressurgiram, quando já estavam cobertos por várias demãos de pintura e sobrepostos por quadros e papéis.

Pela preocupação em resgatar os traços originais do casarão, o prédio está recebendo nova pintura, em cor-de-rosa, sua cor original.

Isto só foi possível graças a um intenso desejo de agir em prol da memória. Como a universidade é pública, as verbas são escassas. Precisou de administrações mais comprometidas com o patrimônio local e de um racionamento de custos quase utópico para que a restauração tivesse início e pudesse chegar tão rapidamente ao ponto em que se encontra hoje.

Estudantes e funcionários tiveram, assim, a oportunidade de contribuir para um bem coletivo através do

Forum da Cultura. O trabalho de restauro da pintura das paredes foi feito durante quase um ano por estudantes do curso de Artes, funcionários conservaram móveis e desenvolvem um importante trabalho de embelezamento do ambiente, através da simples limpeza diária.

A Universidade possibilita o envolvimento de estudantes de diversas áreas, num intenso contato com a casa e com as atividades de preservação, assim como abre a possibilidade de uma experiência intensa de cultura local e comunitária. Os futuros jornalistas, profissionais de artes, filósofos e outros começam cedo o importante processo de aprendizado social e de valorização dos bens populares.

As 3.000 peças de artesanato existentes no Forum também foram cuidadas e receberam pequenos reparos através das mãos de jovens estudantes que realizaram um caprichado serviço. Através dele, conheceram técnicas de restauro que lhes abriram o caminho para oportunidades em outros centros de cultura e de preservação do patrimônio.

Com o olhar sobre um tempo passado, móveis foram recolhidos de outros institutos da UFJF e reformados, de maneira que os visitantes podem hoje encontrar ambientes completos de uma época, em perfeito estado, como é o caso de telefones antigos que ainda funcionam, de salas de jantar e de visitas em permanente exposição. Com o

mobiliário vindo das antigas faculdades, sendo recuperados e mantidos em constantes cuidados de conservação, o Forum contribui também para a preservação da memória da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Nos diversos espaços, o ambiente familiar ainda contagia. O público tem a chance de perceber como eram as casas em um tempo passado, de forma que o que era privado é posto à mostra. Como a casa foi comprada por Benjamin Colucci, nos anos 50, para que funcionasse como Faculdade de Direito, tornou-se ambiente público, de forma que o público e a memória do privado misturam-se no andar da história.

Assim, são construídos o prédio anexo onde ficam as salas de aula e o auditório. As diversas salas transformam-se em diretórios e locais de ensino. Na entrada, um portão do antigo Banco do Brasil é para lá transportado, para que o lugar passasse a ter duas entradas: uma para rapazes, outra para moças e mestres da faculdade.

A Faculdade de Direito desloca-se para o atual campus universitário e a casa vira Forum da Cultura. Na terceira fase da casa, os ambientes já experimentam novas sensações: viram museu, galeria de arte, teatro, sala de vídeo... Num conjunto harmonioso e repleto de memória, onde as salas contam parte da história e da evolução da cidade.

A casa silenciosa, mas ativa, num centro urbano agitado e barulhento, chama a atenção. E são estes contrastes que fazem o Forum muito importante para a comunidade local. A casa de época, tombada pelo patrimônio histórico, significa um elemento de preservação da identidade e da cultura muito presente no dia a dia das pessoas, talvez mesmo por estar no caminho em que elas passam indo para o trabalho ou para a escola.

Como Forum, o local reúne diversas manifestações culturais e dá voz a várias entidades. No Museu de Cultura Popular, as peças, agora restauradas, são estudadas de acordo com a técnica utilizada em sua fabricação, com o lugar onde foram feitas e com o tema que abordam. O acervo é composto por uma valiosa e eclética reunião de objetos de cultura popular, em coleções nacionais e estrangeiras.

Para serem expostas no Museu, ainda leva-se em conta o momento em que se vive, a época festiva do calendário nacional e assuntos que se encontram em discussão no cenário social. Só assim as peças são escolhidas e expostas em mostras mensais e temáticas. Existem ainda períodos em que exposições já se tornaram tradicionais, como as exposições de Nossa Senhora, no mês de maio, de brinquedos, em outubro, e de presépios, em dezembro.

Na Galeria de Arte, também em exposição permanente, exposições visam resgatar a pintura clássica juizforana,

incentivar o trabalho de novos artistas e realizar um trabalho de iconografia das artes cênicas. Nela também puderam ser realizadas mostras compostas por trabalhos de universitários e de obras de bolsistas e funcionários envolvidos no Forum da Cultura. Muitos artistas locais tiveram na Galeria sua primeira oportunidade de exposição de trabalhos.

A Galeria de Arte e o Museu de Cultura Popular são espaços em que o público aguarda o início dos espetáculos teatrais. As mostras realizadas nos dois espaços seguem sempre temáticas que possuem fins também pedagógicos e que possibilitam resgatar elementos importantes da cultura local. Assim, os visitantes chegam, muitas vezes, a ultrapassar o número de mil pessoas por mês.

Na Pinacoteca, iniciada nos anos 90 e em exposição permanente, trabalhos de artistas mineiros e juizforanos são valorizados, numa preocupação constante com a preservação da cultura pictórica. Desta forma, os corredores da antiga casa viram vitrine permanente, onde muitos artistas usaram o Forum da Cultura como tema, em pintura, em mosaico e outras técnicas, que levam o centro cultural da cidade para a eternidade da memória.

O acervo fonográfico possui cerca de mil discos - muitos são raros – com enfoques principalmente na música erudita. Na coleção encontram-se grandes artistas em

canções medievais a contemporâneas, à disposição da comunidade e de apreciadores desta arte.

O teatro tem capacidade para duzentas pessoas. Nele são exibidos espetáculos adultos e infantis do Grupo Divulgação e as peças resultantes dos cursos oferecidos pelo Centro de Estudos Teatrais.

Assim, toda a sociedade tem acesso livre às programações do Forum da Cultura e ali tem a oportunidade de estar em contato com a riqueza do lugar, além de ser recebido de forma afetuosa, por pessoas cuidadosamente preparadas para tal tarefa.

No museu e na galeria, visitados antes dos espetáculos, a comunidade pode conhecer artistas renomados e anônimos, tratados com igual importância diante do trabalho cultural que oferecem à cidade. Trabalhos manuais, tradições e crenças são sempre relembrados, escapando do ameaçador risco de se perderem no tempo. Valores sociais são constantemente resgatados.

A parceria do Forum com o Centro de Estudos Teatrais também resulta em um trabalho comunitário importante, através do Projeto de Extensão *Escola de Espectador* e do núcleo da Terceira Idade. Neste, senhoras e senhores redescobrem seus talentos e dividem momentos de alegria nos *workshops* oferecidos todos os semestres.

Além disso, durante todo o ano, o Centro de Estudos Teatrais também oferece oficinas de teatro para adolescentes, universitários e adultos, assim como seminários de discussão sobre assuntos que envolvem a UFJF e o teatro.

O Coral Universitário também tem sua sede no Forum e busca incentivar a participação de estudantes na vida musical da universidade. Muitos talentos são encontrados, mostrando que apesar da pressa que a atualidade impõe e da impessoalidade e mecanização tão presentes no mercado de trabalho que, aguarda estes estudantes, laços com a cultura ainda podem ser realizados. No Forum, o Coral também tem sua memória preservada através de documentos e fotos em seus arquivos e paredes.

Da faculdade de Direito, o centro cultural herdou a palavra *Forum.* E, no lugar de seu sentido jurídico, a palavra volta ao significado original: lugar de encontro.

Na prática, um lugar de debates e discussão, de caráter eclético, onde a cultura é manifesta de forma a expressar o sentimento das várias parcelas da população, das mais diferentes maneiras. É também uma oportunidade para a universidade pública recuperar sua função social, sem grandes investimentos financeiros, já que o governo atualmente tem tido dificuldades em disponibilizar verbas para o bom funcionamento de todas as atividades, e a

administração do Forum tem se mostrado enérgica em procurar outras formas de manutenção de suas atividades e de recuperação do bem simbólico que a casa carrega.

Do início de 1999 ao final de 2002, sob a administração do professor José Luiz Ribeiro, o Forum da Cultura realizou 673 eventos, atraindo um público total de 141 mil pessoas. Tal público vem respondendo a cada ano com mais e mais presenças, num crescimento ininterrupto que prova que a dedicação na organização das atividades deste centro cultural vem sendo bem sucedida e tem afetado verdadeiramente a população.

São estes dados que contagiaram a comunidade acadêmica e antigiram outras cidades brasileiras. De forma que a UFJF pôde dar sinais de sua contentação com os trabalhos, divulgando em 1999 um folheto explicativo com o título *Forum da Cultura é referência cultural em Juiz de Fora*. Além desta publicação, o Forum produz em todas as suas mostras e espetáculos *folders* explicativos e, anualmente, relatórios de suas atividades, constando informações sobre os diversos eventos, assim como professores e universitários envolvidos. Em julho de 2002, o Museu de cultura Popular teve sua importância reconhecida quando ganhou um encarte num catálogo sobre museus mineiros.

3.2. *O Forum e a comunidade*

O Forum da Cultura é hoje um dos principais centros de cultura da região. Produz e divulga diversos tipos de manifestações culturais, buscando estar sempre atento à sua realidade social.

Muitos projetos intensificam suas relações com a comunidade. O *Escola de Espectador* é um projeto de extensão realizado em parceria com o Centro de Estudos Teatrais e voltado para a comunidade, buscando sempre exercer algum tipo de serviço comunitário. E, na verdade, acaba por servir a estudantes universitários, à sociedade local e à própria Universidade.

O projeto surgiu da união de outros dois projetos que buscavam afetar a população de bairros e o público estudantil. Da junção dos dois nasce um ideal de se levar a pequenos grupos a deliciosa experiência do espetáculo teatral. Assim, de escolas públicas ou particulares a grupos religiosos, jovens são convidados a formar um público heterogêneo de peças teatrais montadas de acordo com a época em que se vive. E os temas atuais estão sempre lá para serem discutidos, sejam crises econômicas ou políticas, sejam absurdos da realidade social, deslizes dos governantes, exageros da mídia, censuras...

Saindo do local tradicional de aprendizagem, o espectador tem a oportunidade de experimentar novas sensações. Discussões são fomentadas, a verdadeira história é contada. Temas que extrapolam o programa de qualquer disciplina e que dão aos alunos a oportunidade de expandir seus pensamentos e de amadurecer opiniões, ou de formá-las.

Aos professores, as atividades oferecem alternativas de ensino. Como as exposições e os espetáculos estão sempre em sintonia com o que acontece no Brasil e no mundo, assim como com as datas comemorativas mais importantes no País, os temas podem ser discutidos livremente antes e depois da atividade extra-classe e, certamente, poderão contribuir para a formação daqueles jovens.

O envolvimento de universitários em seu trabalho traz frutos diferentes e valiosos a cada semestre. Em um relatório feito ao final de sua bolsa no *Projeto Escola de Espectador*, no segundo semestre de 2002, a estudante de Comunicação Social, Gislene Rodrigues, descreve parte de sua experiência:

> Neste período, mantive contato com várias escolas públicas de Juiz de Fora. Tivemos a alegria de receber crianças interessadas em ouvir todas as nossas explicações e de ver professores com tanto interesse no projeto. (...) Apesar de muita gente não reconhecer a importância e o valor do teatro, existem outras pessoas interessadas em conhecê-lo, esperando por uma oportunidade, enquanto tantas coisas sem valor são oferecidas para a comunidade. Por isso, não podemos desanimar em nosso trabalho.

Em 25 de outubro de 2002, a paróquia de Nossa Senhora da Cabeça, grupo tocado pelo projeto *Escola de Espectador*, manifestou sua satisfação em participar das atividades, numa carta assinada pelo padre Nélio José dos Santos e por Mariluce Ferreira Barbosa, uma líder no grupo e principal contato do projeto na paróquia. A carta diz:

> Prezado José Luiz Ribeiro,
> (Extensivo aos membros do Grupo Divulgação)
>
> Cada vez que recebo um telefonema de vocês, convidando a mim e aos nossos jovens e crianças para assistirmos mais um espetáculo teatral, me entusiasmo e me encho de alegria e satisfação.
>
> Suas peças são realmente obras de arte que nos trazem alegria e informações. Levam os jovens a refletirem sobre os valores que não podem se perder e a acreditar que a situação do nosso País pode mudar se todos quisermos.
>
> Alegro-me muito ao perceber que os jovens, adultos e crianças de nossa Comunidade, além de assistirem as peças com entusiasmo, querem sempre levar mais um. E aqueles que vão pela primeira vez, ao término da apresentação, me dizem "não me esqueça da próxima vez!".
>
> Queremos agradecer o serviço que prestam à nossa cidade através do teatro. É motivo de muito orgulho termos o Divulgação atuando por mais de trinta anos na cidade.
>
> Aproveito o ensejo da carta da Mariluce para parabenizar o Grupo pelo belíssimo trabalho. Na última apresentação estive presente e percebi que é importantíssimo valorizar o teatro, a vida, os valores éticos e morais e apresentá-los de forma cômica, hora irônica, e de forma expressiva, nos prendendo totalmente nas apresentações. É realmente um trabalho muito bem feito.
>
> Pela Paróquia de Nossa Senhora da Cabeça, nossos jovens, adultos, crianças e pela Mariluce, nosso canal de contato neste trabalho, agradecemos a valiosíssima oportunidade e colocamo-nos também à disposição. Rogamos ao nosso Deus que abençoe o Grupo, seus membros e os inspire sempre nos bons propósitos em favor da vida e da alegria.

Opiniões como esta chegam freqüentemente ao Forum da Cultura e servem de exemplo da real afetação da comunidade. Momentos de crítica também enriquecem o trabalho, na medida em que revelam brechas e propiciam seu aperfeiçoamento. Mas, de um modo geral, a resposta positiva às atividades mostra que os projetos do Forum têm conseguido cumprir seu propósito de serviço à comunidade.

A sociedade juizforana tem no Forum, então, um espaço aberto para retornar a suas origens, seus valores, num momento também de reencontro pessoal e de oportunidade de discutir com outras pessoas de seu grupo. A casa carrega o peso de décadas da história daquela comunidade e oferece um importante instrumento no resgate da memória coletiva.

Em todos os espetáculos, um questionário é aplicado aos presentes, que, através de respostas a perguntas simples e diretas revelam seus sentimentos diante daquela experiência cultural. Desta forma é possível perceber o índice de afetação dos espectadores.

No espetáculo *Senhora na Boca do Lixo*, texto de Jorge de Andrade, em cartaz de quarta a domingo, de 16 de outubro a 24 de novembro de 2002, algumas observações feitas pelos espectadores refletem o quanto o Forum tem cumprido sua missão enquanto centro cultural. A advogada Rose Meire Alcântara afirmou que o espetáculo "leva-nos a meditar sobre a real alienação da burguesia e o papel das

autoridades", mostrando que a obra escolhida para encenação condizia com o momento social que vivíamos.

Em outros espetáculos também encontramos a manifestação do prazer da comunidade em assistir ao Grupo Divulgação, acreditando em seu trabalho. Ana Botelho, pedagoga, afirmou que o grupo "procura, dentro de um contexto global, representar as melhores peças e apresenta um nível profissional digno de ser visto por todos".

Jane Maria Braga, também pedagoga, considerou-o um "grupo de teatro de grande qualidade, com representações que traduzem com graça e excelência momentos atuais, apresentando ótimas críticas sociais e políticas". E, como em todos os espetáculos o público é avaliado, tem-se um rico acervo de opiniões da comunidade sobre o trabalho ali desenvolvido, o que contribui para o aperfeiçoamento do grupo e da casa a cada temporada.

O núcleo da Terceira Idade tem sido um projeto de extensão tão marcante quanto o *Escola de Espectador,* e sua realização também só é possível pela parceria com o Centro de Estudos Teatrais – Grupo Divulgação, que realiza suas principais atividades. Nele, a reintegração da pessoa idosa nos trabalhos é incentivada, quebrando preconceitos e discriminações sociais.

Estas senhoras e senhores têm a oportunidade de aprender técnicas teatrais, influenciando na montagem e na

produção da peça. Nas aulas, mostram mais do que o talento em atuar, essas pessoas demonstram para a sociedade que a jovialidade do espírito e a experiência adquirida com o passar dos anos trazem riquezas e aprendizados pessoais, que deveriam ser valorizados pelas outras gerações. Afinal, os traços do tempo em seus rostos estão ali para lembrar a vivência de cada um, assim como os ensinamentos únicos que disponibilizam para quem tiver algum interesse em escutar.

Desta forma, o projeto investe na auto-valorização dos idosos. Através das peças apresentadas no final de cada período, o poder de criação destas pessoas é ratificado e uma nova percepção da terceira idade é divulgada na sociedade, quando o Forum cumpre seu papel enquanto centro cultural, agente nas questões sociais.

Aliado a outros projetos voltados para esta faixa etária, o núcleo da Terceira Idade revela talentos. São novos escritores, poetas e atores. Cada qual apresentando seu dom e mostrando que sempre é tempo de recomeçar e investir em sua própria formação. O projeto proporciona aprendizado e lazer, provando que essa idade é, como as outras, também muito ativa, quebrando as difíceis barreiras do preconceito.

A estudante Táscia Oliveira Souza foi bolsista do *Workshop de Interpretação para a Terceira Idade* no segundo semestre de 2002. Em seu relatório final, expressa seus

sentimentos e aprendizados que o contato entre gerações provocou no decorrer do projeto:

> Considero o *Workshop* um projeto de democratização do teatro, e o Forum da Cultura um dos melhores centros de difusão artística da cidade. O espetáculo final do curso, "Estórias para boi dormir", é um motivo de orgulho para mim e, acredito, para todos que, de alguma forma, ajudaram em sua produção. Seu desenvolvimento e montagem final do espetáculo foram extremamente gratificantes. Ver senhoras e o senhor do grupo encenando uma peça infantil, penetrando no universo fantástico da criança e construindo personagens compensa todo o trabalho. Nessa última avaliação, quero deixar registrada minha satisfação em ser um membro do Forum da Cultura e a emoção em ter feito parte de um projeto que cumpre a função de, pelo teatro, afetar as pessoas.

Nesta experiência, tem-se diariamente um trabalho multidisciplinar, e extracurricular, proporcionando ao estudante o reconhecimento de valores de uma sociedade da qual em pouco tempo servirá também profissionalmente. O constante contato com a comunidade proporciona ao universitário a percepção da realidade que o cerca e de seu dever diante das carências que conhece e convive.

Além disso, a realidade é ali representada na medida em que acontece o encontro de diversos grupos, e quem os recebe é o bolsista universitário, independente do curso que faz. Lidar com pessoas não é uma tarefa fácil, apesar de uma constante em todas as profissões. Através de visitas guiadas e da recepção do público nas programações, o estudante é treinado para este contato.

A acadêmica Franciane Lúcia da Silva, de 22 anos, está no Forum da Cultura há quatro anos. Como bolsista, aprendeu a receber pessoas, falar em público e teve contato com informações valiosas da cultura local, ao estudar sobre o tema de cada exposição do Museu de Cultura Popular. Ela é uma das responsáveis pela escolha das peças e pela sua organização.

Além disso, participou do trabalho de restauro de diversas peças do acervo, aprendendo técnicas diversas, que complementam o seu aprendizado acadêmico. Recém-formada, cursa hoje bacharelado em Artes. E afirma: "um dos mais valiosos aprendizados que recebi no Forum da Cultura está na interdisciplinariedade. Cada pessoa desenvolve tarefas em múltiplas áreas, aprendendo um pouco de cada coisa, o que o curso superior não tem como nos oferecer".

Franciane conta que, quando teve oportunidade de participar de restaurações em outros locais, desenvolveu suas atividades pensando sempre em que medida elas poderiam acrescentar conhecimentos ao Forum da Cultura.

Os cursos oferecidos para universitários e adolescentes conseguem atingir o mesmo propósito. Ensinar, promover encontros de pessoas de diferentes contextos da mesma sociedade, mostrar o valor e poder de atuação que cada faixa etária tem, provar a importância da formação grupal.

O teatro é sempre um atrativo para esta faixa etária e revela-se desinibidor, facilitador de formas de expressão e questionador de idéias. Mais uma vez com o trabalho do Grupo Divulgação, o Forum consegue atingir todas as idades e reuni-las dentro deste centro de cultura, num contato entre gerações, pouco freqüente atualmente.

A agitação do espaço provoca a circulação das idéias e a participação dos universitários em todas as atividades, num "barulho" que mostra a importância do trabalho deste centro cultural em suas diversas atuações e acaba por revelar possíveis novos caminhos.

Este trânsito de informações e opiniões é sempre incentivado na casa. O diretor atual, professor José Luiz Ribeiro, procura acompanhar o trabalho de todos os estudantes, incentivando seu crescimento e absorvendo conhecimentos.

Uma constante troca que atualmente encontra-se um tanto distante das escolas. O resgate do diálogo na relação professor-aluno é então diariamente incentivado, provocando o crescimento pessoal de ambas as partes. Assim, no Forum da Cultura, o professor ainda investe nas trocas de conhecimentos, tão importantes na prática pedagógica.

Neste ponto, a Universidade também tem potencial de expandir seus laços e resgatar valores sociais. Garantindo que sua função se exerça através do Forum, que os

estudantes tenham ali valiosas práticas de extensão, cumpre também seu dever de retornar à comunidade o investimento que ela lhe faz.

Incentivando, então, este trabalho, a UFJF permite que a tradição e as características culturais da comunidade da qual faz parte reavivam todos os dias. Afinal, a profissionalização às vezes induz ao esquecimento do valor espiritual e coletivo, na medida em que as tecnologias e rapidez são tidas como facilitadoras na rotina das pessoas, e tudo o que faz parte do passado é tido como atraso.

O Forum vem na contramão. Vem provar que a memória também produz crescimento e agilidade. Que o pensamento quando é discutido traz bons frutos individuais e coletivos e garante a não estagnação da sociedade, assim como a sua reação diante de seus interesses. A rotina e as tecnologias tendem a fortificar o individualismo e a profissionalização e a deixar de lado o sujeito e o cidadão.

Desta forma, as ações políticas são buscadas, envolvendo a comunidade. A busca da cidadania torna-se uma obsessão e um trabalho ideológico percorre todo o circuito de eventos, mostrando um Forum da Cultura comprometido com a tensões da realidade social.

3.3. *Novos caminhos*

O comprometimento com a comunidade, adotado como prioridade pela direção do Forum da Cultura, pela Universidade, através de seus professores e bolsistas, assim como pelo Centro de Estudos Teatrais nas atividades desenvolvidas neste centro cultural, provocou importantes reações sociais.

A contínua discussão de temas contextuais da realidade brasileira, assim como a constante provocação da ação social em todos os integrantes dos vários setores da comunidade, fizeram com que houvesse a qualificação do público da casa.

Com o amadurecimento das atividades e dos objetivos do Forum, antes idealizado para congregar entidades artísticas, científicas e literárias de Juiz de Fora e os órgãos e serviços de difusão cultural da UFJF, o centro mostrou-se potencialmente mais forte e ativo do que inicialmente pensado. Atualmente abriga o Museu de Cultura Popular, a Galeria de Arte, a Pinacoteca, o Acervo Fonográfico, o Coral Universitário e o Centro de Estudos Teatrais – Grupo Divulgação, que proporciona as atividades dos projetos de extensão universitária lá presentes e atua em núcleos de trabalho no teatro adulto e infantil.

Se antes o público estudantil gritava ao apagar as luzes e se comportava inadequadamente durante os espetáculos - com uma conduta que extrapolava os limites aceitáveis da reação natural do público, a ponto de interferir na qualidade de atuação dos atores - esta reação alterou-se bastante nos últimos anos. Logicamente, não se trata de um evento em que o público é mero observador, mas de um momento quando a interatividade público-espetáculo faz-se essencial. Risos, comentários, sustos e outras reações são naturais desde que, até certo ponto, discretas e sem causar constrangimentos nos artistas ou incômodo para o restante do público. Esta relação, principalmente com o público estudantil, amadureceu bastante ao longo dos últimos anos e tende ainda a provocar maior crescimento e envolvimento do público com as manifestações culturais.

Como pode ser percebido, o Forum expandiu seu alcance e fez seu espaço crescer em qualidade cultural. O intercâmbio cultural com a comunidade tornou-se mais intenso, provocando em toda a sociedade que prestigia os seus eventos a criação de uma fortuna sensível. Assim, muitas pessoas tiveram neste lugar a sua primeira experiência com a cultura da região e, nas constantes oportunidades que lhe são oferecidas de retorno, teve seu amadurecimento cultural induzido, no que diz respeito ao

conhecimento de artistas, textos, técnicas, materiais e da própria história.

Na volta ao teatro e às mostras, o espectador tornou-se mais crítico e capaz de absorver mais conhecimentos, saindo dali capaz de ser mais atuante e compreensivo diante da realidade que o cerca.

O contato com as diferentes escolas da região e suas visitas ao Forum da Cultura fizeram com que o público ampliasse seu número significativamente num curto período de tempo. Para as exposições, tal crescimento provocou um maior zelo na escolha dos temas e no cuidado com as peças, assim como a comprovação de sua afetação através das assinaturas nos livros de presenças. Para o teatro, propiciou o crescimento dos atores e fez o número de espetáculos exibidos aumentar. Para os bolsistas, o contato com grandes quantidades de pessoas trouxe a destreza ao se falar em público e o conhecimento de uma grande parcela da comunidade. Para a Universidade, a expansão de seus serviços para a sociedade e a certeza de sua afetação. Para os professores, a troca de experiências com outros educadores. De tal forma que todos estes setores entraram em constante amadurecimento e crescimento individual e coletivo.

Para muitos estudantes que assistiram aos espetáculos, a experiência teatral ultrapassou os limites

da observação. Introduziram o teatro em suas rotinas, por um interesse nascido de suas visitas ao Forum. Muitos demonstraram seu apego ao teatro buscando também fazer parte do Grupo Divulgação e desfrutando dos cursos oferecidos pelo Centro de Estudos, no qual aprenderam os segredos por trás das cortinas. Alguns interessaram-se também pela dramaturgia e passaram a fazer parte de outros grupos já existentes em Juiz de Fora.

Outros espectadores saíram da platéia com a semente do teatro em seus pensamentos, plantando-a em seus grupos. Desta forma, dezenas de comunidades montaram seus próprios grupos teatrais, fazendo parte da forte tendência atual de proliferação de produções teatrais ainda mais localizadas, respondendo às características e singularidades de cada região. Desta forma, grupos religiosos puderam expressar e discutir a sua fé, grupos escolares trataram temas educativos e assim por diante, em pontos espalhados na cidade e na região.

Todos estes indicativos de avanço trazem consigo novas necessidades. Com o teatro lotado, faz-se necessário um sistema de ar-condicionado, para que o público consiga ficar todo o tempo do espetáculo sem sentir-se incomodado com o ambiente. Além disso, pelo fato do teatro se localizar no terceiro andar da casa, idosos e portadores de deficiência física sentem grandes dificuldades de acesso.

Crescendo o público, cresce o número de casos em que existe esta dificuldade, de forma que uma reforma no sistema de acesso torna-se urgente.

Para resolver tais questões já existe um projeto de implantação de um elevador, a ser localizado entre a casa do Forum e o prédio anexo, unindo-os. A tecnologia implantada no centro unirá diferentes partes da história: a casa com sua riqueza histórica, o prédio, com seu formato reto e sem adornos – o qual já vem sendo adaptado internamente para que fique mais próximo estilisticamente da velha casa – e as facilidades que a tecnologia possibilita.

Com tantos projetos de afetação da comunidade crescendo no centro cultural, nota-se a grande necessidade de estar em contato com a mídia. Por alguns anos, jornalistas e divulgadores interessaram-se mais pelas atividades culturais do Forum da Cultura. Hoje, mantêm-se distantes. Em um momento da história em que os sistemas e as novas tecnologias da informação ocupam um espaço tão importante na vida das pessoas, elementos de resgate da cultura não podem ser esquecidos.

Certamente existem temas mais lucrativos para a mídia: falar sobre moda, para que conquiste anunciantes do comércio têxtil; tratar de espetáculos sem conteúdo, que, por apelar ao erótico ou ao humor, sem interesse em maiores

críticas, atraem o grande público; entre muitos outros. A dificuldade existe no fato de que, atualmente, só existe para a sociedade o que está na mídia.

Nasce então a difícil missão de se afetar os veículos de informação pela conscientização. É preciso que estes meios percebam o Forum da Cultura enquanto bem cultural valioso para a sociedade a que pertencem. Porque, divulgando os trabalhos, as pessoas terão acesso mais rápido às informações sobre a programação e a possibilidade de interação com bens culturais se amplia.

Já existe uma divulgação intensa através de cartazes, *folders,* distribuídos por mala direta, e a divulgação via *internet*. Entretanto, a mídia impressa e televisiva ainda alcançam a maior parcela da população e fazem-se necessárias à rotina do Forum. Fica, então, a questão de como poderia se atingir a mídia, levando consciência social, se o trabalho de *releases* diários não tem surtido grandes efeitos.

Entre a comunidade universitária, por incrível que possa parecer, o índice de afetação do Forum da Cultura também não é grande. Encontramos na Universidade uma falta de consciência sobre um centro cultural que lhe pertence e que possui uma oferta de programações culturais não encontrada facilmente em outros lugares de Juiz de Fora. Um local que poderia ser utilizado para lazer e discussão das

disciplinas estudadas é pouco aproveitado para o potencial que tem.

Seria preciso que as faculdades, os institutos e todos os cursos fossem conscientizados sobre o real valor do Forum, do fácil acesso a seus eventos, para que mestres e alunos utilizem do espaço que lhes é oferecido. Para isso, é necessário o esforço de administradores, professores e orientadores para que a informação chegue completamente aos universitários.

Além disso, o público que o Forum já atinge responde bem aos seus eventos e iniciativas. Nasce, então, a necessidade de se expandir o atendimento ao público de um modo geral, através da criação de novos núcleos ou expansão dos que já existem. Desta forma, o Forum poderá responder mais diretamente às necessidades de cada grupo, especializando suas atividades para atender, por exemplo, de acordo com as profissões ou outras características particulares de cada grupo.

O fato de muitas pessoas da elite juizforana não se envolverem em questões sociais e culturais, buscando também o benefício das classes subalternas, dificulta a integração da sociedade. Novos esforços poderiam surgir de quem dispõe de melhor poder aquisitivo. Por depender de verbas da universidade e do resultado de suas próprias atividades, o trabalho do Forum ainda sofre limitações.

Projetos de recuperação da casa, assim como da ativação de novos ambientes, ficam à espera de recursos financeiros. É o caso da sala de projeções. Existe no Forum um rico acervo que poderia, através de projeções, enriquecer o tratamento dos temas das mostras e fornecer mais conhecimentos para o público visitante. Assim como esta sala, existe o projeto de se disponibilizar para a comunidade a exibição de filmes. O diretor do Forum possui um acervo particular bastante rico e, certamente, outras doações surgiriam se o acervo de vídeos fosse incentivado e se tornasse possível. São iniciativas que visam complementar o acesso a diferentes tipos de informação pela comunidade juizforana e servir também como complemento pedagógico para as escolas.

Para que o contato com as escolas e outros grupos funcione com maior eficiência, existe um projeto de criação de uma rede de professores de todos os níveis de ensino, visando facilitar o processo de difusão de informações neste meio. Assim, seria possível um aumento gradativo no consumo de bens culturais do Forum da Cultura e da cidade.

A cultura é um tema que atinge toda a sociedade. Seu resgate, a busca pela memória local e o esforço em se buscar a harmonia na comunidade são interesses de todos os setores. No entanto, em Juiz de Fora não existe uma ação

conjunta fortalecida para que as raízes culturais não se percam.

Com a Lei Murilo Mendes e o surgimento de outros espaços culturais, o incentivo obviamente cresceu, mas ainda poderia ser mais significativo se os órgãos que controlam os diversos setores da sociedade se esforçassem em prol desta causa. Se a mídia fizesse sua parte, as grandes empresas, membros da elite, universidade, cada qual com sua função, ações comunitárias poderiam ser feitas com maior facilidade.

Mas o sentimento de solidariedade não é mais encontrado facilmente. Ações públicas são quase totalmente dominadas por interesses particulares que comprometem a situação da sociedade. Enquanto algumas instituições e setores se refugiam em sua estabilidade particular, a maioria da população fica à mercê de seus interesses.

Para que estas pessoas também tenham chance de experimentar manifestações culturais, adquirir conhecimentos e combater as mazelas que as cercam é necessário um acúmulo de forças. Boas idéias e iniciativas existem por toda a parte. No entanto, é preciso lhes oferecer condições de sobrevivência. Ideais a favor de todo um grupo podem ser resgatados, desde que valorizados.

Não é fácil fazer um trabalho como o Forum da Cultura vem fazendo. Pela boa vontade, acontecem reformas,

restaurações, ampliações. Pelo trabalho oferecido por cada pessoa que participa das atividades no Forum, muito se fez. Se houvesse maior reconhecimento da comunidade acadêmica, dos órgãos que governam a sociedade e da comunidade de um modo geral, muito mais poderia ser feito, a ponto de Juiz de Fora se destacar no cenário nacional e servir de exemplo para outras localidades.

Muitas vezes, algumas pessoas tomam frente de trabalhos belíssimos, com ideais encantadores e, no entanto, o trabalho não é continuado porque outras pessoas não as apóiam, e acabam sofrendo com o desestímulo.

Todos estes elementos dependem do interesse de toda a sociedade, já que a cultura é um bem coletivo, o mais valioso que temos. É preciso criar maneiras de realmente sensibilizar a população. Um banco de dados simples e direto poderia controlar a situação de objetos dotados de valor histórico que se encontram no poder da população.

O Forum da Cultura tem investido em idéias simples e práticas, que de modo algum custam caro à sociedade, nem necessitam de grande mobilização. Num mutirão, que une funcionários, professores e alunos apaixonados pelo projeto, os resultados podem ser vistos por todos. E de Forma tão significativa que nossa história é preservada, mostrando que a simplicidade de um pequeno gesto torna grandiosa a coreografia.

4. CONCLUSÃO

A prática do trabalho desenvolvido pelo Forum da Cultura mostrou que este centro cultural tem exercido, enquanto tal, importante função pedagógica no contato com a população juizforana. Os eventos por ele criados têm feito com que diferentes setores da sociedade interessem-se pelas manifestações culturais locais, enquanto agentes.

Além de abrigo para obras de arte, o Forum tem funcionado como catalisador da produção local. Através do trabalho de vários artistas, a realidade é contestada, técnicas são eternizadas. O local tem sido ambiente de confronto de idéias e de contestação contínua das tensões que envolvem a sociedade.

O poder de afetação de sua arquitetura mostra-se a principal ferramenta no resgate da memória coletiva. Sua restauração trouxe aos dias atuais traços legítimos de sua história, garantindo que as três décadas que se passaram não enterrassem o sentido deste lugar e que os próximos anos que virão também conheçam o seu valor.

O contato popular com o centro cultural tem se mostrado assegurador da participação democrática da população, o que é hoje raro nos outros setores que compõem a sociedade. Isto porque, toda a população é tida como importante e a sua parcela periférica é considerada o

principal alvo de suas atividades, na tentativa de corrigir a injusta discriminação acontecida ao longo de muitos anos de história do Brasil e ainda fortemente presente nos dias atuais.

O Forum ainda destaca-se por incentivar a expressão do público freqüentador da casa. Oficinas são oferecidas, seminários são realizados e a opinião das pessoas é buscada a cada abertura do centro, em que é tida como preciosidade. Através desta ações bem-sucedidas, a Universidade Federal de Juiz de Fora consegue entrar em contato com a população e lhe prestar serviços, conforme é seu dever. O Forum da Cultura funciona como eficiente ponte deste contato, mostrando para os dois lados a complexidade desta relação e as contribuições que pode oferecer ao outro.

A destreza como o Forum tem cumprido a missão a que se propôs o faz único em sua região. Nenhuma outra casa realiza ao mesmo tempo tantas atividades distintas e consegue tal movimentação popular. Por isso, o Forum é hoje pólo cultural de Juiz de Fora e região e exemplo para outros centros, já que os gastos financeiros com sua manutenção são ínfimos diante de outras casas do mesmo setor. Num momento marcado pela exclusão, o Forum pratica, há longos anos, a integração popular com a academia, lutando por uma sociedade de inclusão, justa e democrática.

5. BIBLIOGRAFIA

1) BARBOSA, Frederico (org.). Clássicos da poesia brasileira. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

2) ------. Poemas Escolhidos: Fernando Pessoa. São Paulo: Melhoramentos, 1997.

3) BASTOS, Rogério Lustosa. Ciências humanas e complexidades: projetos, métodos e técnicas de pesquisa. Juiz de Fora: UFJF, 1999.

4) CANCLINI, Nestor García. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

5) FORUM DA CULTURA – UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. Documenta. Juiz de Fora, março de 2000.

6) MELLO e Souza, Antônio Cândido. Literatura e Sociedade. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

7) OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. Juiz de Fora: vivendo a história. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional da UFJF. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 1994.

8) RIBEIRO, Darcy. A universidade necessária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

9) RIBEIRO, José Luiz. Universidade: suas funções e a cultura. /s.n.t./.

10) ------. Mostra de teatro Juiz de Fora em cena. Juiz de Fora: Funalfa, 2003.

11) SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

6. ANEXOS

A seguir alguns *folders* com relatórios de atividades do Forum da Cultura dos últimos anos.